

12

Na cova de jasmineiro
Do avarento Calatrava:
— Morreu como carcereiro
Da fortuna que guardava.

13

Li no túmulo de Ormino:
— Foi cristão dos mais fiéis,
Ganhou duzentos mil contos,
Deu mil e quinhentos réis.

14

Qualquer defeito é mal grande,
Nenhum deles é pequeno.
Escorpião miudinho
Tem a morte no veneno.

15

Maricotinha enfeitou
Dez filhos de porta em porta;
Hoje, ela quer reencarnar,
Quando nasce, nasce morta.

16

NA MESMA MOEDA

O coronel Tutuca Sapecado,
A cada petitório de mendigo,
Falava: — “Deus é grande, meu amigo!”
Mas não dava um vintém de mel coado.

Se um doente gemendo afadigado
Vinha pedir perdão de juro antigo,
Louvava: — “Deus é grande! Deus consigo!”
E recebia o cobre assossegado.

Quando morreu ficou na caixa-forte
E gritava mudado pela morte:
— “Quero o auxílio do Céu! Que Deus me mande!”

Mas trancado no escuro, em agonia,
Só escutava alguém que lhe dizia:
— “Fique firme, Tutuca, Deus é grande!”

Alguém escreveu na lousa
Do rico Moura Pamonha:
— Deixou a fortuna aos doidos
Depois de vender maconha.

Na sepultura comum
Da devota Florisbela:
— Morreu fazendo jejum,
Comendo numa panela.

Não largues ao bem-querer
A construção do futuro.
No relógio da paixão
Não há ponteiro seguro.

“Seguro morreu de velho”,
Diz o rifão popular,
Mas faleceu de preguiça
Com medo de auxiliar.

A ENXADA

Com febre alta, o velho Zé da Hora
Limpa a roça no Sítio da Chapada,
Treme, cai... De repente não vê nada,
Tudo escuro no campo, terra afora.

Tanto tempo serviu. Mas Zé agora
Tem a cabeça branca e fatigada;
Morre o sol, vem a noite, e ao pé da enxada,
De mão no peito aflito, reza e chora.

Zé larga o corpo e, Espírito liberto,
Pede luz e eis que a luz surge de perto;
Tropeçando, levanta-se... Quer vê-la...

Mas cai de novo em pranto de alegria:
A enxada do seu pão de cada dia
Brilhava convertida numa estrela.